

Coisa de criança



Eu estava proferindo uma palestra para pais sobre limites na construção do aprendiz, em uma escola particular, quando um dos pais presentes levantou-se e pediu o microfone para manifestar-se.

Olhando para a esposa que estava ao seu lado e para mim, ele descreveu uma situação, contando-nos que queria minha opinião porque ele e a esposa estavam se desentendendo sobre os encaminhamentos que eles dariam a partir do fato que ele queria relatar.

Os pais tinham comprado, como presente de aniversário para seu filho, um computador de mesa de última geração, assistido tecnicamente por um especialista em informática. O computador custou caro, mas acreditavam ser um investimento importante para o filho e para ajudar no desenvolvimento dele. O modelo, a marca, os programas foram pensados tendo por mote as possíveis aprendizagens que o computador poderia proporcionar assim como o desenvolvimento que ele deflagraria como decorrência.

No entanto, continuou o jovem pai, em 15 dias ele já tinha destruído o teclado e apagado alguns programas, alterado a formatação etc. Ele achava que deveriam retirar o equipamento, antes que ele o destruísse por completo. A mãe, ao contrário, achava que a criança deveria ter oportunidade de aprender a trabalhar com o computador e que aos poucos ele aprenderia. “O que você me diz?” Perguntou-me ele, sob o olhar atento da esposa e da platéia. “Você disse que deu o computador de presente de aniversário para seu filho? Gostaria de saber duas coisas antes de ajudá-los a pensar sobre esse episódio. Seu filho pediu esse presente?” “Não!” Respondeu-me prontamente o pai. “Quantos anos ele fez?” prossegui. “Cinco”, afirmou encarando-me.

Confesso que fiquei desconcertada e precisei de um tempo para me reorganizar. Porém, diante do público e entendendo que eu deveria dar uma resposta forte para esses pais, afirmei que eles deveriam pegar a caixa em que veio o computador, colocar dentro tintas, pincéis, cola, durex, tesoura papel, canetinhas, giz de cera, cola com brilho, umas revistas velhas, umas fitas, garrafas de plástico, tampas, embalagens de modo geral e dar para ele brincar. Melhor ainda seria se o pai puder ajudá-lo. Construir, com ele, algo bem bacana com as caixas. E só voltar a dar o equipamento para ele quando já souber brincar sozinho. Esse tipo de atividade é que é coisa de criança dessa.

A criança estragou o computador porque não vislumbra a delicadeza desse equipamento, porque não tem o controle necessário sobre suas mãos e porque deseja que o computador faça coisas que, possivelmente, não foi programado para isso. Em verdade, ele estragou o computador porque não conseguiu brincar com ele, ou talvez ainda, porque queria ver como ele funcionava. A curiosidade é combustível da aprendizagem.

Muitos pais, no afã de atender bem seus filhos e educá-los para o mundo atual, estão suprimindo uma parte importante do desenvolvimento da criança, que é a brincadeira. Brincar pelo prazer de brincar. Ensinar músicas, poesias, contar histórias ajudam a criança a construir sua identidade, desenvolve seu modelo aprendiz, além de humanizá-la. A capacidade de participar, de poder colaborar, de produzir e o entendimento do funcionamento do mundo passam pela brincadeira e pelos jogos.

Nesse dia das crianças, ao invés de comprar um brinquedo fabricado, junte um monte de sucata, compre uma caixa de materiais escolares, façam brinquedos e brinquem. Tenho certeza de que será inesquecível para ambos.

Por Isabel Parolin

Pedagoga, psicopedagoga clínica e consultora institucional. Professora de cursos de pós-graduação na área de aprendizagem. Palestrante para pais e professores. Autora dos livros: Pais Educadores – É proibido proibir? Da editora Mediação; do livro Professores Formadores: a relação entre a Família, a Escola e a Aprendizagem, da editora Positivo; organizadora e co-autora do Aprendendo a Incluir e Incluindo para Aprender, da Pulso Editorial Artigo - <http://www.revistacriar.com.br/index.php?paga=14a>